

TECNOLOGIA E PROGRESSO: DOIS PONTOS DE VISTA DA TEORIA CRÍTICA

Technology and Progress: two views of critical theory

Rafael Cordeiro Silva
UFU

Resumo: O artigo pretende mostrar a discussão sobre a tecnologia no Instituto de Pesquisa Social baseado nos pensamentos de Horkheimer e Marcuse. Embora ambos discutam a tecnologia referenciada socialmente, as conclusões a que chegam não são as mesmas. O pensamento do jovem Horkheimer avalia positivamente a tecnologia enquanto força produtiva capaz de libertar o ser humano. Gradativamente essa posição vai cedendo lugar, a partir dos anos 1940, a uma posição mais cética sobre as possibilidades da tecnologia. Esta passa a ser vista enquanto instância de dominação da natureza e dos homens. A tecnologia é responsável pelo declínio do indivíduo. Ao contrário, desde seu primeiro escrito, Marcuse avalia a tecnologia a partir de uma dupla perspectiva: ela é dominação e libertação. No quadro de referência de sua teoria da sociedade, a tecnologia é concebida como força de libertação. Em suas análises da sociedade industrial avançada, a tecnologia está voltada essencialmente para a dominação e manutenção do *status quo*. Essa dupla percepção torna o pensamento de Marcuse mais dialético e menos pessimista que o de Horkheimer.

Palavras-chave: Horkheimer, Marcuse, Tecnologia, Progresso, Teoria da Sociedade

Abstract: The article intends to show the discussion on technology at the Institute of Social Research based on the thoughts of Horkheimer and Marcuse. Although both discuss the technology referenced socially, the conclusions they reached are not the same. The thought of the young Horkheimer evaluates technology as a productive force capable of liberating the human being. In the 1940s this position gradually gave way to a more skeptical one about the possibilities of technology. This is now seen as an instance of domination of nature and man. Instead, since his first writing, Marcuse evaluates technology from a dual perspective: it is domination and liberation. In the framework of his theory of society, technology is conceived as a force for liberation. In his analysis of advanced industrial society, technology is geared primarily for the domination and maintenance of the status quo. This dual perception makes Marcuse's thought more dialectical and less pessimistic than those of Horkheimer.

Keywords: Horkheimer, Marcuse, Technology, Progress, Social Theory

A discussão sobre tecnologia feita pelos filósofos do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt procura relacioná-la à sociedade e aos seus *efeitos* sobre os indivíduos. Sob esse aspecto, ela segue a mesma direção das considerações mais conhecidas sobre arte e sociedade. Não se encontra a discussão da tecnologia tomada

em si mesma. Os teóricos mais expressivos do Instituto não pretenderam fazer uma filosofia da técnica ou da tecnologia. Pareceu-lhes mais significativo refletir criticamente sobre as implicações e os efeitos da tecnologia para os processos de sociabilidade. Em que medida a técnica afeta a existência dos homens? Como ela modifica os hábitos e sob que aspectos ela favorece ou pode transcender a ordem social estabelecida? Essas questões poderiam resumir suas preocupações mais evidentes. Se o desenvolvimento técnico/tecnológico é fato dado, o que pode mudar é o seu *direcionamento político* e a sua utilização. A técnica dita a forma e o ritmo do progresso, e nesse sentido técnica e tecnologia são tomadas como sinônimas. Todavia, o rumo do progresso diz respeito tanto às tendências sociais atuais quanto às possibilidades históricas de transformação.

Horkheimer não fez distinção entre os conceitos de técnica, tecnologia e progresso técnico. Marcuse apenas esboçou essa distinção, mas não a levou adiante. Além disso, a relação entre técnica e sociedade não foi a mesma para esses autores. Ora a abordagem de ambos é muito próxima, ora é praticamente oposta. A percepção de Horkheimer é mais linear, isto é, começa pelo pressuposto de que a técnica é imprescindível para o progresso e a libertação dos homens e ruma gradativamente para a consideração de que ela é inseparável da dominação e nesse sentido, incompatível com qualquer ideal de emancipação. A biografia intelectual de Horkheimer permite vislumbrar essa tendência. Do outro lado, as considerações de Marcuse parecem estar marcadas por sua percepção do momento histórico, o que provoca variações em seu pensamento. Por isso, explicitarei esses dois pontos de vista sobre a tecnologia, para, ao final, discutir as causas de tão discrepantes posições.

Começo por Horkheimer, considerando o percurso histórico de sua produção intelectual, já que ela apresenta, segundo creio, uma linha de continuidade que implica posicionamentos distintos sobre a relação entre ciência, tecnologia, progresso e sociedade ao longo dos anos. Em seus primeiros escritos parece haver um imbricamento dos termos uns com os outros. É o que se percebe, por exemplo, em “Observações sobre ciência e crise”, de 1932 – escrito emblemático do pensamento de juventude do autor. O contexto da publicação deste opúsculo é o fim da República de Weimar e a chegada de Hitler ao poder. E o teor destas “Observações” indica a estreita ligação entre ciência, técnica, progresso e economia. Sob influência de categorias marxianas, Horkheimer afirma que a ciência é força produtiva e meio de produção. O desenvolvimento das forças produtivas seria responsável pelo aumento da riqueza social. A técnica faz parte dessas forças e seu incremento responderia por formas mais eficazes de dominação da natureza. Por outro lado, a abundância de matéria-prima e a existência de mão-de-obra cada vez mais qualificada seriam outros tantos elementos de produção de riquezas, indispensáveis para a possibilidade real que a ciência teria para mitigar as calamidades existentes. Em linhas gerais, evidencia-se uma equação iluminista que, neste escrito de Horkheimer, pode ser apresentada da seguinte forma: o progresso científico-tecnológico sofisticava as formas de dominação da

natureza, com o que se produzem mais riquezas capazes de suprir as necessidades e de alavancar a construção de uma sociedade mais justa. A necessária dominação técnica da natureza é não só um aspecto imprescindível para o melhoramento da existência humana, mas, enquanto conceito, aparece inquestionável na produção teórica dessa fase.

Ainda na esteira marxiana, da qual emerge a interpretação de Horkheimer, a ciência é compreendida a partir da dinâmica histórica. Isso significa dizer que os métodos e a direção da ciência são dependentes das relações histórico-econômicas estabelecidas pelos homens. Horkheimer constata uma crise da ciência, que faz com que ela não cumpra o seu papel último de satisfazer as necessidades por que passa a humanidade. Tratar-se-ia de uma crise responsável não só pelo estrangulamento da racionalidade científica, o que se reflete no rumo traçado para o desenvolvimento tecnológico, como também pelo fato de a ciência perder de vista o seu enraizamento social. Com isso, o progresso tecnológico fica comprometido: não sendo destinado à real satisfação das necessidades humanas, os homens se veem impedidos de sua emancipação.

Por outro lado, a crise da ciência não pode ser dissociada da crise econômica. “Atualmente, o laboratório de ciência apresenta um retrato da economia contraditória. Esta é altamente monopolística e mundialmente desorganizada e caótica, mais rica do que nunca e, ainda assim, incapaz de remediar a miséria”, diz o autor.¹ Então, se as conquistas do progresso tecnológico não estão voltadas para a melhoria das condições humanas é também porque a situação econômica impede que isso aconteça. Horkheimer constata que os homens não se assenhorearam da economia como o fizeram em relação ao domínio da natureza circundante. Restaria, numa época de refluxo dos movimentos revolucionários, a planificação econômica como alternativa para o desenvolvimento social e o progresso da humanidade. Numa sociedade planejada racionalmente, os seres humanos poderiam decidir os rumos de sua economia. Com isso, o potencial produtivo da técnica e da ciência poderia ser libertado dos grilhões econômicos e revertido em prol da satisfação das necessidades. A liberdade figuraria no horizonte não apenas imaginável, mas realizável. Portanto, neste escrito, Horkheimer se apoia em uma imagem da ciência e da tecnologia enquanto forças produtivas, que aparecem determinadas economicamente. O aprisionamento econômico momentâneo distorceria a atividade e os rumos da ciência e da técnica.

Outra perspectiva se apresenta nos escritos de Horkheimer da década de 1940. Desta vez, ele não questiona mais a direção da atividade científica, distorcida pela economia capitalista indomável e caótica, mas o sentido da própria ciência. No “Prefácio” à *Dialética do esclarecimento*, encontra-se a seguinte constatação: “a

¹ HORKHEIMER, Max. “Observações sobre ciência e crise”. In: _____. *Teoria Crítica I*. São Paulo: Perspectiva, 1990, p.11.

humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”.² A *Dialética do esclarecimento* foi escrita em 1944, numa época em que seus autores já sabiam que o fascismo seria derrotado pelos aliados. Então, o que significaria esse novo estado de barbárie que não parece restrito apenas aos países em cujo solo se travou a guerra, mas se estende a todo mundo ocidental?

Adorno e Horkheimer pretendem investigar porque a razão, ao mesmo tempo em que permite ao homem progredir no caminho de sua humanização, contém a possibilidade da regressão à barbárie. O que os leva a enxergar essa possibilidade é a constatação de que a razão é inseparável da dominação em seu sentido mais amplo: não apenas dominação da natureza para a conservação da vida, mas também do homem sobre o homem. Recuando aos estádios primitivos de constituição da espécie, os autores mostram também que a dominação não é atributo exclusivo da razão, mas já está presente no estágio mítico de compreensão do mundo. O mito é, em sua própria constituição, forma explícita de dominação. É a tentativa mágica de domesticar os poderes implacáveis da natureza, que atemorizam os homens e diante dos quais eles se sentem impotentes. Aplacar as forças da natureza pelos rituais mágicos era a forma com que os primitivos realizavam sua autoconservação.

Dominação da natureza e autoconservação são indissociáveis. Depois que a razão se impôs como sucedâneo do mito, as formas de dominação foram se tornando mais sofisticadas. Hoje, a técnica e a ciência ocupam lugar de destaque e respondem enormemente pelo que se entende por racionalidade. A razão perdeu sua significação mais ampla e se instrumentalizou. Ela se tornou o abrigo para as relações meio-fim. Conforme Horkheimer, “ela é um instrumento, pensa sempre nos benefícios...”.³

O encolhimento da razão ao seu aspecto instrumental exclui do âmbito racional qualquer tipo de manifestação que não esteja associada ao manejo e operacionalização calculada da natureza. O êxito alcançado pela razão instrumental faz com que ela se torne o mito mais sólido da atualidade.

Nessa época, Horkheimer “descobre”, a partir de sua leitura de Weber, os processos de racionalização que levaram ao desencantamento do mundo e adere não tão entusiasticamente a essa interpretação, sempre atento às consequências sociais desses processos. Por isso, a perspectiva que se impõe nos escritos do autor nessa época é a negação determinada da figura prevalecte da razão – o seu lado instrumental – e a crítica aos efeitos do progresso tecnológico sobre os indivíduos. Tais efeitos são perceptíveis, sobretudo nos mecanismos de controle.

As formas de dominação do homem evoluíram na mesma proporção que as de dominação da natureza. Por trás delas está a noção de progresso técnico. Se por

² HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. W. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.11.

³ Cf. HORKHEIMER, Max. “Razón y autoconservación”. In: _____. *Teoría crítica*. Barcelona: Barral, 1973, p.144-5.

um lado o desenvolvimento de máquinas permitiu substituir a força corporal pela mental, tornando mais fácil a satisfação das necessidades, por outro a dominação do homem também se exerce hoje em dia menos pela violência corporal que pela sutil domesticação da alma e dos sentidos. Horkheimer credits ao progresso tecnológico não apenas a possibilidade de produzir bens que garantem o conforto material, mas também a capacidade de desenvolver formas não violentas de controle social. O exemplo mais nítido desse fato é a indústria cultural.

No pensamento de Horkheimer a discussão sobre a relação entre técnica e sociedade ganha maior visibilidade na década de 1940, através do tema da indústria cultural. Esta é entendida como a junção de arte e tecnologia. A indústria cultural representa a invasão da tecnologia no domínio da cultura. Não é à-toa que Horkheimer a define como o engano das massas. “Sob o monopólio privado da cultura ‘a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma’.”⁴ A indústria cultural é uma técnica refinada que domina a consciência individual e promove nos tempos atuais a coesão social com muito mais eficácia do que as instituições e os costumes do passado: o cinema, o rádio, a televisão e a música produzida para as massas formam um todo que visa manter a unidade do sistema. “A unidade implacável da indústria cultural atesta a unidade em formação da política”.⁵

A invasão da tecnologia no âmbito cultural traz consequências nefastas para os indivíduos. Em primeiro lugar, rouba-lhes a capacidade de se defrontarem crítica e conscientemente com a realidade social, já que ela é inculcada nas pessoas nos momentos em que elas estão dispensadas das frentes de trabalho. Ao invés de o tempo livre ser destinado para o cultivo das faculdades mentais e para o fomento das potencialidades dos indivíduos, o que significaria inclusive a possibilidade de amadurecer níveis embrionários de resistência à ordem estabelecida, ele é preenchido pela indústria da diversão e se destina à recuperação e aperfeiçoamento das forças para o trabalho em um período de tempo em que o trabalhador não está fisicamente presente no seu local de trabalho.⁶

Em segundo lugar, a publicidade e a propaganda, uma das faces da indústria cultural, valendo-se de sofisticados recursos técnicos para a persuasão, são responsáveis pelo incremento do consumo e associam a individualidade à capacidade de adquirir bens. O indivíduo é levado a crer que esses bens são feitos à sua própria imagem e acaba por dar-lhes um valor de uso que eles não têm.

Por fim, a indústria cultural é consequência de um sistema que orienta sua capacidade técnica para o consumo e não para a promoção do ser humano.

⁴ HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. W. *Dialética do esclarecimento*, p.125. A citação dentro da citação foi tirada de TOCQUEVILLE, Alexis de. *De la démocratie en Amérique*. Paris, 1864, v.2, p.151.

⁵ *Ibid.*, p.116.

⁶ Cf. HORKHEIMER, Max. “Arte nuevo y cultura de masas”. In: _____. *Teoría crítica*. Barcelona: Barral, 1973, p.118.

Essa aparelhagem inflada do prazer não torna a vida mais humana para os homens. A ideia de “esgotar” as possibilidades técnicas dadas, a ideia da plena utilização e capacidades em vista do consumo estético massificado, é própria do sistema econômico que recusa a utilização de capacidades quando se trata da eliminação da fome⁷.

A citação mostra um posicionamento distinto daquele dos anos 1930, quando o autor associava o desenvolvimento técnico-científico e tecnológico com a satisfação das necessidades e o preenchimento das carências materiais dos indivíduos. A técnica ainda está associada à satisfação das necessidades humanas, mas ela passa agora a ser vista muito mais como forma refinada de dominação e coesão social. É esta concepção que prevalece. O véu tecnológico substitui a ideologia da “troca justa”, difundida e defendida pelo capitalismo liberal. “Em lugar do esburacado véu do dinheiro, aparece outro ainda mais impermeável, o véu tecnológico”⁸. Em *Eclipse da razão*, encontram-se algumas passagens em que a técnica é colocada em xeque. Uma delas dá a dimensão do seu pensamento nessa época.

Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte de atividade e do pensamento humano, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram aparentemente uma redução. O avanço de recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização. Assim, o progresso [técnico] ameaça anular o que se supõe ser o seu próprio objetivo: a ideia de homem.⁹

Essa disjunção suscitaria um posicionamento contrário ao progresso? Não! O que o autor deixa claro é o fato de que não se pode deter o progresso. A filosofia que tentasse fazer disso o seu mote seria acusada de romantismo. Ela deve apenas mostrar a ambiguidade do progresso e criticar seus efeitos sobre os indivíduos. Trata-se, portanto, de sair do encantamento produzido pelo rumo que o progresso técnico tomou, a saber, a dominação cega e sem sentido da natureza e dos homens. A única forma de sair desse encantamento é a crítica, proporcionada, entre outros, pela filosofia. Ela deve denunciar que o mundo administrado, fruto do progresso técnico, reduziu o homem a um mero componente fungível e descartável da maquinaria social. “A máquina expeliu o maquinista para fora de si e se precipita cegamente através do espaço”.¹⁰ Condenado a viver em um mundo de apertar botões, em que as

⁷ HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. W. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.130.

⁸ HORKHEIMER, Max. “Razón y autoconservación”, op. cit., p.170.

⁹ Idem, *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, p.6.

¹⁰ HORKHEIMER, Max. *Crítica de la razón instrumental*. Buenos Aires: Sur, 1973, p.138.

possibilidades de resistir se reduzem drasticamente por causa do enfeitiçamento promovido pela cultura para as massas, a filosofia tem pouco a fazer: a tarefa, muitas vezes inglória, de radicalizar a crítica social, num momento em que a crítica quase nada pode produzir.

A perspectiva da negação determinada, que acompanhou o pensamento maduro de Horkheimer, cede lugar a uma negação abstrata em sua fase tardia. Opera-se outra ruptura, agora mais radical e pessimista. Nessa etapa, seu pensamento chega a um impasse: à necessidade e inevitabilidade do progresso associa-se a constatação de que todo progresso oculta uma barbárie. “O ‘progresso’ se paga com coisas horríveis, negativas”.¹¹ Horkheimer fala da tendência irreversível para a automação, concebida como a negação do reino da liberdade, que se sucederia à satisfação da necessidade pelo incremento tecnológico. A automação é vista com enorme temor, pois significa a completa reificação do indivíduo. Ele deixa de ser importante, o que importa é o funcionamento das máquinas e da engrenagem social. Se antes o maquinista ditava o ritmo da condução e o rumo a ser seguido, hoje a maquinaria social é vista como um autômato que se movimenta por si próprio, sem necessidade de um condutor. Isso por causa da tecnologia que pode prescindir de indivíduos, necessitando apenas de quem ligue e desligue os botões, sejam os que acionam o controle remoto de televisores ou que disparam armas de destruição em massa. Embora proporcione um mundo repleto de facilidades e conforto, a tecnologia tende, na avaliação do autor, a produzir uma vida de tédio e de frieza nas relações humanas. O tédio é compensado com a distração promovida pela indústria cultural; a frieza é assumida como uma condição do homem hodierno.

Marcuse apresenta uma visão diferente da de Horkheimer. A distância entre ambos começa a ser esboçada com a publicação de um ensaio de 1941, intitulado “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”. Esse texto fez parte do último número da *Revista de Pesquisa Social* e permaneceu sem repercussão imediata. Isso porque, em 1941, Marcuse também publicara *Razão e revolução*, obra de grande densidade conceitual dedicada ao estudo da dialética de Hegel e da teoria social a partir de Marx. Esta obra de grande impacto foi decisiva para a filosofia social contemporânea, tornando seu autor reconhecido.

Se *Razão e revolução* representa um distanciamento em relação aos projetos do Instituto de Pesquisa Social, uma vez que continua a vincular a Teoria Crítica de forma explícita ao pensamento de Marx, “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna” foi a contribuição prévia de Marcuse ao projeto coletivo do Instituto de discutir as transformações da racionalidade.¹² Horkheimer pretendia escrever um livro sobre a dialética da razão em parceria com algum colaborador do Instituto de Pesquisa

¹¹ Idem, “Teoría Crítica ayer y hoy”. In: _____. *Sociedad en transición*. Barcelona: Península, 1976, p.63.

¹² A contribuição de Horkheimer foi o ensaio “Razão e autoconservação”, cujas ideias foram retomadas em *Eclipse da razão* e na *Dialética do esclarecimento*.

Social. Marcuse almejava essa parceria, porque acreditava que seu projeto estivesse mais próximo do que fazia Horkheimer. Entretanto, Adorno acabou sendo o escolhido. Mesmo assim, o ensaio “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna” ganha importância na década seguinte, a partir do momento em que Marcuse, distanciando-se mais ainda de Horkheimer, esboça sua versão da Teoria Crítica enquanto teoria emancipatória da sociedade. A tecnologia ocupa lugar decisivo nesta teoria.

O ensaio de 1941 apresenta uma discussão sobre a tecnologia, que, como indica o próprio título, é considerada em suas implicações sociais e avaliada a partir de uma dupla perspectiva. Ela é entendida, por um lado, como “instrumento de controle e dominação”; por outro, é “uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais”.¹³ A tecnologia promove tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo, tanto a escassez quanto a abundância. A fim de fundamentar sua discussão, Marcuse traça o itinerário de como a concepção de racionalidade do período burguês foi se desenvolvendo até ser identificada, no capitalismo monopolista, não mais como não mais como uma faculdade ou atribuição do sujeito, mas como algo externo, como realização tecnológica. Este processo modifica os padrões tradicionais de individualidade e racionalidade nascidos no Iluminismo e gera novos tipos de sociabilidade. É interessante notar que a fundamentação dada por Marcuse é muito semelhante àquela apresentada por Horkheimer em “Razão e autoconservação” e *Eclipse da razão*. Porém, enquanto Horkheimer está preocupado com o processo de transição de um tipo de racionalidade a outro, referindo-se apenas tangencialmente ao tema da tecnologia, Marcuse é mais enfático quanto a isso, pois pretende mostrar como “a racionalidade individualista se viu transformada em racionalidade tecnológica”.¹⁴ Outro aspecto é digno de nota: a análise de Weber sobre os processos de racionalização é um traço comum aos dois autores.

Em “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”, Marcuse usa indistintamente termos como “razão ou racionalidade tecnológica”, “ordem tecnológica”, “poder tecnológico”. Também não distingue tecnologia e produção de máquinas; ele pressupõe que o desenvolvimento tecnológico implica de modo geral a construção de máquinas, e não hesita ao dizer que o homem está vivendo no “estágio da era da máquina”.¹⁵ De maneira enfática o autor acrescenta: “são antes os fatos do processo da máquina, que por si só aparecem como a personificação da racionalidade e da eficiência”.¹⁶ Mais à frente, ele reitera seu ponto de vista de que a maquinaria representou o fim da autonomia dos indivíduos.

¹³ MARCUSE, Herbert. “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”. In: _____ . *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999, p73.

¹⁴ Ibid., p.77.

¹⁵ Ibid., p.74.

¹⁶ Ibid., p.79.

Ao manipular a máquina, o homem aprende que a obediência às instruções é o único meio de se obter resultados desejados. Ser bem-sucedido é o mesmo que adaptar-se ao aparato. Não há lugar para a autonomia. A racionalidade individualista viu-se transformada em eficiente submissão à sequência predeterminada de meios e fins.¹⁷

Embora o ensaio “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna” dê maior ênfase aos aspectos negativos da racionalidade tecnológica e a seus efeitos, não é apenas este enfoque que prevalece. Marcuse deixa bem claro não ser simpático a posições antitecnológicas. Ele faz referência explícita à tecnologia como fator de libertação.

A técnica impede o desenvolvimento individual apenas quando está presa a um aparato social que perpetua a escassez, e este mesmo aparato liberou forças que podem aniquilar a forma histórica particular em que a técnica é utilizada... Além disso, a mecanização e a padronização podem um dia ajudar a mudar o centro de gravidade das necessidades da produção material para a arena da livre realização humana.¹⁸

Em outros escritos emerge a percepção do quanto a técnica pode estar voltada para a libertação. Desde o início dos anos 1950, quando Marcuse incorpora ao seu pensamento as categorias da metapsicologia freudiana, sua teoria social se diferencia da diretriz inicial do Instituto de Pesquisa Social. Em termos gerais, ele compartilha a equação iluminista desenvolvida nos primeiros escritos de Horkheimer, que associa o progresso técnico-científico à construção de uma sociedade mais justa. Marcuse adota dele também o sentido recorrente da crítica à racionalidade instrumental. Porém, de modo diferente, é Marcuse que faz a distinção mais clara entre dois tipos de progresso – o técnico e o humanitário – e mostra a dependência de um em relação ao outro. “O progresso técnico parece ser a pré-condição de todo progresso humanitário”.¹⁹ Este último consiste “na realização da *liberdade* humana...: um número cada vez maior de seres humanos torna-se livre... O resultado do

¹⁷ Ibid., p.80. Sobre essa associação entre tecnologia e construção de máquinas no pensamento de Marcuse, Isabel Loureiro ressalta que se trata de uma confusão da qual foram vítimas vários pensadores que quiseram criticar a tecnologia, mas o fizeram confundindo tecnologia com máquinas, como se estas fossem o único produto do desenvolvimento tecnológico. Por causa desse engano, tais autores foram levados a “se declararem hostis à técnica, quando na verdade pensavam em maquinismo”. Parece ser esse o caso nesta passagem. Cf. LOUREIRO, Isabel. “Breves notas sobre a crítica de Herbert Marcuse à tecnologia”. In: PUCI, Bruno; LASTÓRIA, LUIZ A.; DA COSTA, Belarmino. *Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez, 2003, p.24.

¹⁸ MARCUSE, H. “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”. In: _____. *Tecnologia, guerra e fascismo*, op.cit., p.101.

¹⁹ MARCUSE, Herbert. “A noção de progresso à luz da psicanálise”. In: _____. *Cultura e psicanálise*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.113.

progresso aqui consiste na humanização progressiva dos homens”. Seu pensamento não se limita ao momento da negação determinada como tarefa exclusiva do pensamento filosófico no mundo administrado. Há um aspecto propositivo na filosofia de Marcuse, que lhe permite dar forma à imagem de uma sociedade mais justa, anunciada naquela equação iluminista, em que o sofrimento desnecessário é abolido em nome de uma felicidade possível. E a tecnologia é imprescindível para isto.

O fato de o progresso técnico parecer condicionar o progresso humanitário não indica apenas uma relação necessária entre ambos. O caráter de aparência denuncia, ainda, a ambiguidade contida na noção de progresso técnico. Isso significa dizer que o primeiro pode ser ou não condicionante para o segundo. Entre ambas as possibilidades, situa-se a distinção entre o que é e o que poderia ser. Essa tensão, tão característica da Teoria Crítica, marca de forma especial o pensamento de Marcuse: a crítica do que é prepara o caminho para o devir. Mas o vir a ser, que funda a utopia marcuseana, recebe um contorno mais preciso do que as imagens da sociedade boa contidas no pensamento tardio de Horkheimer.

Marcuse constata que aquela pré-condição situa-se no âmbito do devir, ou seja, refere-se a algo que não se efetivou ainda. A realidade caracterizou-se até então pela hegemonia do progresso técnico sem que haja uma humanização progressiva dos seres humanos. Pois, o que se percebe, é que a satisfação das necessidades humanas, proporcionada pela dominação técnica da natureza, engendrou o mundo administrado. “Os seres humanos, tanto na sua existência privada quanto na sua existência social, são administrados do berço ao túmulo. Caso ainda se possa falar de felicidade, trata-se tão-somente de uma felicidade administrada”.²⁰

O progresso técnico, que se proclama isento de qualquer valor, tem, na verdade, um valor imanente: a produtividade. Elevada a ideal máximo do princípio de realidade, ela se torna responsável pela existência de inúmeras mercadorias, para as quais nem sequer conseguimos imaginar qualquer sentido ou necessidade, a não ser que a publicidade consiga inculcar nos indivíduos um valor de uso que a rigor essas mercadorias não possuem. Produz-se cada vez mais sem motivos aparentes, só para incrementar a produção e fazer circular o capital. Por isso, a produtividade passa a constituir um fim em si mesmo e sobrevive pela constante criação de necessidades, que no fundo são meramente as do capital, mas que são transformadas em necessidades individuais.

O fato de que prevaleça uma organização social fundada na produtividade sem sentido é a tendência que nos dias de hoje prevalece. Marcuse evoca, porém, o conceito de “possibilidade histórica”, para mostrar que outras formas de sociabilidade são possíveis. Para ele, a humanidade deveria chegar ao estágio em que “a sociedade poderia permitir-se um alto grau de libertação pulsional sem perder as suas conquistas

²⁰ MARCUSE, Herbert. “A noção de progresso à luz da psicanálise”. In: _____. *Cultura e psicanálise*, op.cit., p.114.

ou entravar o progresso”.²¹ Visto que o progresso técnico possibilitou ao homem sair de sua animalidade primitiva e dominar a natureza e considerando-se que seria praticamente impossível à humanidade abrir mão das conquistas do progresso, que imagem do mundo poderia ser pensada como alternativa à produtividade sem sentido?

Em primeiro lugar, o conceito de necessidade deve ser desligado da esfera do consumo e se voltar para o indivíduo. Trata-se de priorizar a “necessidade individual” no lugar da necessidade social de reprodução do capital. Isso significa maximizar as possibilidades de satisfação pulsional, que visam à fruição do prazer e à felicidade. Já que a capacidade de dominar a natureza foi incrementada ao longo da história pelo desenvolvimento técnico-científico, de modo a permitir enorme produção de riqueza, torna-se um desperdício de energia despender longas horas nas frentes de trabalho, pois o trabalho, salvo pouquíssimas exceções, é uma atividade alienada e não causa prazer. A longa jornada laboral tem muito mais a ver com o sem-sentido da produtividade do que com a satisfação pulsional. A liberação do trabalho alienado, ou em princípio sua redução drástica, seria um passo decisivo rumo à constituição de um novo princípio de realidade. Assim, “as conquistas do progresso repressivo anunciam a superação do próprio princípio do progresso repressivo”.²²

Em segundo lugar – e aí está o aspecto decisivo em que a posição afirmativa de Marcuse ultrapassa a negação pessimista de Horkheimer – a diminuição da jornada de trabalho favorece a utilização de energia para o incremento das capacidades humanas, para o ócio criativo e para a compreensão lúdica da vida.

A crescente mecanização do trabalho permitirá a uma parte cada vez maior daquela energia pulsional, que precisava ser desviada para o trabalho alienado, readquirir sua forma original; em outras palavras, ela pode voltar a ser energia das pulsões de vida. O tempo gasto no trabalho alienado não seria mais o tempo da vida, nem o tempo livre dado ao indivíduo para satisfazer as próprias necessidades seria um mero resto de tempo; ao contrário, o tempo de trabalho alienado seria não apenas reduzido ao mínimo, mas desapareceria completamente, e o tempo da vida seria o tempo livre.²³

²¹ MARCUSE, Herbert. “Teoria das pulsões e liberdade”. In: FROMM, E.; MARCUSE, H.; MILLER, K. *Marcuse polémico*. Lisboa: Presença, 1969, p.109.

²² Idem. “A noção de progresso à luz da psicanálise”, op. cit., p.131.

²³ Ibid. p.131-2. É interessante notar aqui que a relação do homem com as máquinas não pode ser descrita como forma de maquinismo, como Marcuse deixou transparecer em “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”, na passagem citada anteriormente.

Essa questão é nodal para Marcuse: liberdade significa a libertação do trabalho alienado, ou seja, daquele tipo de atividade cujo resultado não pertence ao trabalhador e nem lhe causa prazer. Isso só é possível pelo desenvolvimento tecnológico, que implica transferir o esforço físico do homem para a máquina. Como se percebe, a automação é vista de forma diferente por Horkheimer e Marcuse. Enquanto para o primeiro significa o coroamento do progresso tecnológico, cuja consequência é o mundo administrado e o declínio da autonomia do indivíduo, para Marcuse é o aspecto decisivo, que permite a construção de uma nova sociedade. Horkheimer, em sua fase tardia, não hesita ao dizer que o progresso técnico é a forma continuada da reificação, que desde os tempos de Marx impede qualquer possibilidade de libertação. Marcuse, ao contrário, lê o progresso técnico como a porta de entrada para o progresso humanitário, portanto, a saída da reificação e a constituição de uma nova imagem de mundo, desde que seja banido o ideal da produtividade, inútil injustificado nos dias de hoje.

Resta saber o que motiva uma apreciação tão oposta da técnica e do progresso nesses autores. Para arriscar uma resposta é necessário levar em conta a diferente perspectiva dos escritos que motivaram as considerações sobre técnica e tecnologia. Por terem sido publicados em datas muito próximas, “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna” (1941), de Marcuse, “Razão e autoconservação” (1942) e *Eclipse da razão* (1944/47), de Horkheimer guardam imensas semelhanças. Em comum eles têm a pretensão de analisar o processo de transformação da razão. Enquanto Horkheimer discute como a racionalidade meio-fim, que ele chama subjetiva, se impôs sobre as determinações racionais dos valores e da ação moral, que ele denomina razão objetiva, gerando um tipo de comportamento adaptativo e orientado ao êxito, Marcuse discute como a racionalidade tecnológica se impôs sobre a racionalidade crítica da classe burguesa. Não obstante essa semelhança, essas avaliações basilares determinam rumos distintos nas considerações sobre a tecnologia. O tema da técnica/tecnologia pouco aparece nos textos de Horkheimer; ele fica sempre subsumido por uma preocupação mais ampla com os rumos da racionalidade em geral. Quando ele aparece, é quase sempre visto ou (1) como resultado de uma racionalidade que opera com meios e fins ou (2) como uma dimensão particular da razão entendida como instância de dominação da natureza e dos homens e que já se fazia presente desde antes da transição do mito ao logos. A posição (1) é sustentada em “Razão e autoconservação” e *Eclipse da razão* e a posição (2) está presente na *Dialética do esclarecimento*.²⁴

²⁴ Adorno e Horkheimer afirmam na *Dialética do esclarecimento*: “O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo” (p.19). “A técnica é a essência desse saber... O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens” (p.20). Mais à frente, ao analisarem o mito, os autores acrescentam: “Os mitos que caem vítimas do esclarecimento já eram o produto do próprio esclarecimento” (p.23). “O mito converte-se em esclarecimento e a natureza em mera objetividade [a ser dominada]” (p.24)

Marcuse fala mais explicitamente da técnica/tecnologia. Em “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”, ele adota a mesma estratégia que fizera alguns anos antes ao tratar o tema da arte²⁵, enfocando seu duplo aspecto: como instância de dominação e de libertação. Ao longo de sua produção filosófica, ao abordar o tema, ele o faz enfatizando ora um aspecto, ora outro. Se Horkheimer tende a encarar com cada vez mais ressalvas o potencial libertador da tecnologia, Marcuse abre-se a essa dimensão, especialmente quando se trata da *fundamentação* sua teoria da sociedade. É um momento propositivo de sua filosofia e, ao lado de Freud, faz-se notar a presença de Marx, em especial sua posição sobre o desenvolvimento das forças produtivas e seu potencial emancipatório. Marcuse se refere aos *Grundrisse* de Marx que ele cita em pelo menos duas ocasiões.

Na medida em que progride a indústria em grande escala, a criação da riqueza real depende menos do tempo de trabalho e da quantidade de trabalho gasto, que do poder dos instrumentos postos em ação durante o tempo de trabalho. Estes instrumentos e sua poderosa eficácia não estão em proporção com o tempo de trabalho imediato que requer a produção; antes sua eficácia depende do nível alcançado pelo progresso científico e tecnológico ou pela aplicação da ciência à produção... O trabalho humano já não aparece então como encerrado no processo de produção; antes o homem mesmo se relaciona com o processo de produção apenas como supervisor e regulador. Ele permanece fora do processo de produção, no lugar de ser seu principal agente... Nesta transformação, o grande pilar da produção e da riqueza já não é o trabalho imediato desempenhado pelo homem mesmo, nem seu tempo de trabalho, mas a apropriação de sua própria produtividade universal (poder criativo), isto é, o conhecimento e o domínio da natureza através de sua existência social; em uma palavra, o desenvolvimento do indivíduo social (completo). *O roubo do tempo de trabalho de outro homem, sobre o que atualmente descansa a riqueza social*, aparece então como uma base miserável em comparação com as novas bases que a indústria em grande escala criou. Assim que o trabalho humano, em sua forma imediata, deixar de ser a grande fonte de riqueza, o tempo de trabalho deixará de ser, e necessariamente deve deixar de ser a medida da riqueza; e o valor de troca necessariamente deixará de ser a medida do valor de uso. *O trabalho excedente da massa* (da população), então, deixa de ser a condição do desenvolvimento da riqueza social; e o tempo livre de poucos deixa de ser a condição para o desenvolvimento das faculdades intelectuais universais do homem. O modo de produção que repousa sobre o valor de troca se desmorona.²⁶

²⁵ Cf. MARCUSE, Herbert. “Sobre o caráter afirmativo da cultura”, de 1937.

²⁶ MARCUSE, Herbert. “The Obsolescence of Marxism”, p.412. Marcuse cita MARX, Karl. *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*, Berlim Leste, 1953, p. 592, ss. A mesma citação aparece em MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.52.

Sob este aspecto, *Eros e civilização*, “Teoria das pulsões e liberdade”, “A noção de progresso à luz da psicanálise” adotam a tecnologia como uma força libertadora. Há tratamento similar em trechos de *O homem unidimensional* e em “A obsolescência do marxismo”. Por outro lado, ao fazer a *crítica da sociedade estabelecida*, a tecnologia é vista como determinada historicamente e voltada para a dominação da natureza e dos homens. Ela não é politicamente neutra. Esse ponto de vista é apresentado, sobretudo em *O homem unidimensional*. O autor afirma:

Em face das particularidades totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de “neutralidade” da tecnologia não pode mais ser sustentada. A tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas.²⁷

Mas nem nesse caso há coincidência com a tese de Horkheimer e Adorno, apontada em *Dialética do esclarecimento*, que vê a dominação como algo intrínseco à humanidade, e que tem na técnica o seu carro-chefe. O incremento das técnicas proporcionou o desenvolvimento da ciência moderna. Isso é fato. Mas enquanto fato ele ao mesmo tempo marca uma das diferenças entre Horkheimer e Marcuse: este é mais dialético porque confronta a realidade dada com a possibilidade histórica de sua transformação, aspecto que gradualmente foi desaparecendo do pensamento de Horkheimer. Ao final de seus escritos, o anseio por uma realidade inteiramente diferente da ordem estabelecida passa a estar refletido unicamente nos motivos que emergem das doutrinas religiosas. A possibilidade histórica de transformação social não tem mais uma base concreta. Tornou-se etérea.

Referências Bibliográficas:

HORKHEIMER, Max. *Crítica de la razón instrumental*. Trad. H. A. Murena e D. J. Vogelmann. Buenos Aires: Sur, 1973.

_____. *Eclipse da razão*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

_____. “Arte nuevo y cultura de masas”. In: _____. *Teoría Crítica*. Trad. Juan de S. B. Barcelona: Barral, 1973, p.115-137.

²⁷ MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*, op. cit., p.19. Isabel Loureiro, em “Breves notas sobre a crítica de Marcuse à tecnologia” apresenta uma instigante discussão sobre as ambiguidades das considerações marcuseanas sobre a tecnologia. Segundo ela, o pensamento de Marcuse sobre a tecnologia oscila entre duas grandes tradições – Marx e Heidegger – razão pela qual podem ser encontradas várias ambiguidades no seu pensamento referentes a esse tema.

_____. “Observações sobre ciência e crise”. In: _____. *Teoria Crítica I*. Trad. Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 1990, p.7-12.

_____. “Razón y autoconservación”. In: _____. *Teoría Crítica*. Trad. Juan de S. B. Barcelona: Barral, 1973, p.141-176.

_____. “Teoría Crítica ayer y hoy”. In: _____. *Sociedad en transición: estudios de filosofía social*. Trad. Juan G. Costa. Barcelona: Península, 1976, p.55-70.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LOUREIRO, Isabel. “Breves notas sobre a crítica de Herbert Marcuse à tecnologia”. In: PUCCI, B; LASTÓRIA, L. A. C. N.; DA COSTA, B. C. G. *Tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz*. São Paulo: Cortez, 2003, p.19-34.

MARCUSE, Herbert. “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”. In: _____. *Tecnologia, guerra e fascismo*. Trad. Maria Cristina V. Borba. São Paulo: Ed. UNESP, 1999, p.73-104.

_____. “A noção de progresso à luz da psicanálise”. In: _____. *Cultura e psicanálise*. Trad. Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.112-138.

_____. *Eros e civilização*. 8. ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan, 1981.

_____. *A ideologia da sociedade industrial*. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

_____. “Sobre o caráter afirmativo da cultura”. In: _____. *Cultura e sociedade*. Trad. Wolfgang Leo Maar et al. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p.89-136.

_____. “Teoria das pulsões e liberdade”. In: FROMM, E.; MARCUSE, H.; MILLER, K. *Marcuse polémico*. Trad. Fernando Midões e Luis H. Santos. Lisboa: Presença, 1969, p.101-147.

_____. “The Obsolescence of Marxism”. In: LOBKOWICZ, Nikolaus.(ed.) *Marx and the Western World*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 1967, p.409-17.

RAULET, Gerárd. *Herbert Marcuse: philosophie de l’émancipation*. Paris: PUF, 1992.

Doutorado em Filosofia (UFMG)
Professor do PPG em Filosofia/UFU
E-mail: rksilva@ufu.br